



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª
LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

POLIANA VELÊZ BARBOSA

**A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA
SURDOS NO ENSINO MÉDIO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA**

JOÃO PESSOA

2020

POLIANA VELÊZ BARBOSA

**A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA
SURDOS NO ENSINO MÉDIO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA**

TCC - Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo João Pessoa, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação do(a) Prof.(a). Dr./Me. Nidia Nunes.

JOÃO PESSOA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

B238p

Barbosa, Poliana Velêz.

A produção de material didático de língua portuguesa para surdos no ensino médio na perspectiva inclusiva

/ Poliana Velêz Barbosa. – 2020.

19 f.

Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância.

Orientadora: Profa. Ma. Nídia Nunes Máximo.

1. Língua portuguesa - Ensino. 2. Recursos didáticos. 3. Gêneros textuais. 4. Inclusão escolar. 5. Alunos surdos. I. Título.

CDU 811.134.3:376

Bibliotecária responsável Josinete Nóbrega de Araújo – CRB15/116

POLIANA VELÊZ BARBOSA

**A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS NO
ENSINO MÉDIO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora, do
Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia
da Paraíba (IFPB), para obtenção do título
de Especialista em Ensino de Língua
Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

João Pessoa, 16 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Nidia Nunes Máximo
Coord. de Letras LIBRAS
Departamento de Letras
SIAPE: 2143407

Profa. Ma. Nidia Nunes Máximo
Orientadora – UFPE



Profa. Ma. Camila Michelyne Muniz da Silva
Avaliadora – UFPE



Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros
Avaliador – IFPB

A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS NO ENSINO MÉDIO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Poliana Velêz Barbosa¹

Nídia Nunes Máximo²

RESUMO

A inclusão escolar das pessoas com necessidades específicas vêm sendo tema bastante discutido no cenário educacional atual. A educação para surdos surgiram há 400 anos, no entanto, a sociedade tinha uma percepção negativa sobre os surdos, que eram vistos como deficientes e excluídos da sociedade, sendo direcionados a viver em asilos, sem o direito à educação, comunicação e interação com seu meio social. Dentro da perspectiva da inclusão, estudos e pesquisas vêm sendo realizados, e modificando esse cenário de preconceito e exclusão. Através do ensino de Língua Portuguesa como L2 para estudantes do ensino médio, e pensando na formação dos professores/as para esse processo junto aos estudantes surdos/as, desenvolvendo competências e habilidades para o uso da L2 escrita, como meio de inserção e participação dos temas e nas discussões sociais. O presente artigo traz a reflexão desse ensino inclusivo para surdos/as através do material didático pedagógico adaptado, contribuindo para um processo de aprendizagem inclusivo e satisfatório para os alunos surdos. O presente artigo, foi desenvolvido através da metodologia bibliográfica, analítica e descritiva, os dados qualitativos permitiram analisar e refletir sobre a importância do conhecimento da aquisição da língua e da adaptação de materiais que atendam a necessidade dos estudantes surdos/as, favorecendo a comunicação e a aprendizagem.

Palavras-chave: material adaptado, língua portuguesa, formação, inclusão.

ABSTRACT

The school inclusion of people with specific needs has been a topic widely discussed in the current educational scenario. Education for the deaf emerged 400 years ago, however society had a negative perception of the deaf, who were seen as disabled and excluded from society, being directed to live in nursing homes, without the right to education, communication and interaction with their environment social. Within the perspective of inclusion, studies and research have been carried out, and changing this scenario of prejudice and exclusion. Through teaching Portuguese as an L2 for high school students, and thinking about the training of teachers for this process with deaf students, developing skills and abilities for the use of written L2, as a means of insertion and participation of students, themes and social discussions. This paper reflects on this inclusive teaching for the deaf through the adapted pedagogical teaching material, contributing to an inclusive and satisfactory learning process for deaf students. This paper was developed through bibliographic, analytical and descriptive methodology qualitative data allowed to analyze and reflect on the importance of knowledge of language acquisition and the adaptation of materials that meet the needs of deaf students, favoring communication and learning.

Key words: Adapted Material; Portuguese Language; Training; Inclusion.

¹ Graduada em Pedagogia pela UFPB e Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica.

² Orientadora Mestre em Letras pela UFPE.

1. Introdução

A educação de pessoas surdas no Brasil vem se tornando tema bastante discutido em nossa atualidade, contudo, os primeiros relatos envolvendo a história de educação para surdos mostram que a sociedade tinha uma ideia bastante negativa sobre a pessoa surda. Naquela época, esses sujeitos eram tratados como pessoas deficientes e excluídas da sociedade, chegando a serem colocados em asilos, sem direito à educação e nem mesmo à comunicação. A princípio, o fato das pessoas surdas não se comunicarem de forma oral, motivava a crença de que não deveriam ser educadas. Mas, com o passar do tempo, viu-se a possibilidade de educar essas pessoas. Desde então, algumas metodologias educacionais passaram a vigorar no decorrer da história de educação de surdos.

No tocante à Inclusão escolar das pessoas Surdas, a partir da oficialização da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 a qual reconheceu a Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade surda e pela regulamentação do Decreto 5.626/2005 assegurou-se o direito dos estudantes surdos à Educação. Com o direito à educação, deverá a escola prover meios acessíveis ao conhecimento, além de oportunizar a comunicação por meio da Libras, dispor de recursos pedagógicos adaptados para o ensino.

A Libras é a língua materna da pessoa surda – L1, dessa forma a língua portuguesa configura-se como segunda língua – L2 – modalidade escrita. As duas línguas possuem espaços significativos da vida social da pessoa surda. O uso da Libras é fundamental para a construção da sua identidade e comunicação com os seus pares dentro da comunidade surda, e a língua portuguesa como meio que proporciona maior participação social, através das práticas de leitura e escrita. Portanto, diante da necessidade do letramento, como caminho para inclusão social, que possibilita o acesso, compreensão e participação em sociedade através da escrita, torna-se importante a adaptação de recursos didáticos e metodologias que atendam as especificidades do ensino de L2 para pessoas surdas.

Refletindo sobre as possibilidades para em ensino inclusivo, surgem as seguintes indagações: De que modo os materiais didáticos adaptados contribuem para um ensino de Língua Portuguesa para surdos? O ensino de L2 através de recursos didáticos torna o processo ensino aprendizagem inclusivo? Quais as contribuições que o uso dos gêneros textuais trazem no ensino de L2 para surdos?

Portanto, a fim de elucidar tais questionamentos, este trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa analítica, qualitativa e bibliográfica, que trouxe elementos importantes os quais conduziram os estudos e reflexões sobre o tema. Dessa forma, acredita-se que os recursos didáticos adaptados explorando os gêneros textuais para o ensino de língua portuguesa – L2, para surdos contribuirá para a inclusão social, oportunizando a comunicação por meio da leitura e escrita possibilitando a troca e construção de novos conhecimentos, para um processo de aprendizagem satisfatório para os/as estudantes surdos/as.

2. A inclusão escolar para Surdos na perspectiva do ensino de L2.

Primeiramente torna-se imprescindível a compreensão do bilinguismo, assim como também, o conhecimento do funcionamento dos processos cognitivos do Surdo, para oportunizar um desenvolvimento de aprendizagens satisfatório e inclusivo. Nessa perspectiva, compreender o ensino bilíngue dentro da ótica da psicolinguística, proporcionará o conhecimento sobre o desenvolvimento e aquisição da língua portuguesa, como também a relação entre as duas línguas para a pessoa surda. Como escreve Skliar (1997), "a educação bilíngue é um reflexo cristalino de uma situação e de uma condição sóciolinguística dos próprios surdos; um reflexo coerente que tem que encontrar seus modelos pedagógicos adequados" (p.53). Esta reflexão busca nortear a transformação necessária da dinâmica escolar.

O ensino bilíngue, preconizado pelo decreto 5626/05, o qual regulamenta a Lei 10.436/02, nos traz a importância e necessidade do ensino bilíngue em instituições de escolares para as pessoas surdas. Lyons (2016) destaca que o bilinguismo “perfeito” requer a competência linguística total nas duas línguas. Portanto, o ensino bilíngue, precisa oportunizar e desenvolver nos estudantes surdos/as, a capacidade linguística de uso das duas línguas em atividades sociais. Dessa forma, surdos/as que utilizam a Libras como língua materna e o português como segunda língua (modalidade escrita), entende-se que a fluência nas duas línguas desempenha papéis sociais específicos em sua vida, sendo empregadas de acordo com o contexto e as necessidades exigidas.

A compreensão do conceito do bilinguismo, como já mencionado, é relevante para a produção de recursos didáticos para o ensino de língua portuguesa para surdos, pois evidencia a necessidade de oportunizar sua aprendizagem com L2, tendo como referência a Libras, enquanto L1, já que “O funcionamento do mapa cognitivo dos

indivíduos surdos é construído a partir da experiência entre a Libras e o mundo físico-sensorial” (MAXIMO 2020). Nessa perspectiva, a forma desses indivíduos significar o mundo precisa ser levada em consideração, por exemplo, para se trabalhar de forma comparativa à gramática das duas línguas. Além disso, mostra a importância de se estabelecer os contextos de uso da língua portuguesa como L2 e “definir as competências e habilidades linguísticas a serem desenvolvidas por esses indivíduos através da língua portuguesa escrita” (MAXIMO, 2020). Para tanto, é preciso que o professor assuma também uma postura bilíngue, que necessita de pesquisa e produção de materiais didáticos para atender a necessidade específica, educacional dos/as estudantes surdos/as.

2.1 Recursos didáticos adaptados para o ensino de L2: gêneros textuais.

Para o ensino de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos, precisamos pensar no desenvolvimento das competências em leitura, compreensão e escrita, e em como essas habilidades proporcionarão a pessoa surda maior participação e inclusão social. O ensino de L2, utilizando os gêneros textuais como recurso de ensino para língua portuguesa, trará elementos que contribuirá na interação e comunicação social, posto que os gêneros textuais são recursos de escrita que circulam em nosso meio e que possuem finalidades. Como diz Marcuschi “se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo” (MARCUSCHI, 2007, p. 22).

A adaptação de recursos didáticos de acordo com a necessidade específica de aprendizagem do estudante, está prevista na Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146 institui a inclusão da Pessoa com Deficiência, destacando em seu Art. 28 inciso II “o aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantia das condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem”; no Art. 4º § 1º que “Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas”; Art. 27 § 1º do Decreto nº 3.298/99, no qual institui [...] adaptações de provas e apoio necessários, previamente solicitados pelo aluno com deficiência, inclusive tempo adicional para realização das provas, conforme as

características da deficiência [...]; no Art.29 inciso I que determina adaptação de recursos instrucionais: material pedagógico, equipamento e currículo.

Adaptar recursos para o ensino de L2 no nível médio da educação básica torna-se um desafio para docentes, pois, os aportes visuais e textuais, deverão estar de acordo com a faixa etária do estudante. Dessa forma, mais uma vez, a utilização dos gêneros textuais no ensino de L2, torna-se um recurso importante, visto que possui uma grande circulação e relevância no uso das interações sociais. Sobre o uso da L2 na modalidade escrita para surdos/as e a habilidade que esses sujeitos, em uma condição bilíngue, saberão aplicar e fazer uso em diferentes contextos, conceituamos como diglossia. Para Lyons (2016), as comunidades bilíngues são caracterizadas pelas formas como uma língua é empregada em contextos mais formais/públicos e a outra em contextos informais/coloquiais. Assim como, Grosjean (2013) nos fala que o uso das duas línguas pode-se ser considerado um bilinguismo social, onde ambas são utilizadas em domínios específicos. Por meio dos gêneros textuais, também é possível a exploração de conteúdos gramaticais, e através dos gêneros pode-se abordar temas e situações do cotidiano dos estudantes, proporcionando contextualização do conteúdo, favorecendo uma aprendizagem mais satisfatória.

Em sociedade nós também nos comunicamos e revelamos nossas intenções por meio de textos escritos e esses registros expressam o objetivo da comunicação. Essa variedade de textos que circundam na sociedade são definidos como gêneros textuais. Os gêneros textuais estão em constante modificação (MACHADO;LOUSADA,2010), devido às necessidades humanas emergentes, das inovações tecnológicas e das atividades socioculturais (MARCUSCHI, 2007). Os gêneros textuais também se constituem como registros repletos da cultura e situações do cotidiano social (MARCUSCHI 2007).

Através da escrita, o aluno indica suas intenções, motivações e objetivos. A escolha do gênero expressa o propósito do que se deseja emitir aos leitores, sendo assim, os gêneros textuais ultrapassa o conhecimento de um conteúdo da gramática da língua portuguesa, é ferramenta de uso social que propicia a comunicação entres seus interlocutores.

2.1.1 Os gêneros textuais nas sequências didáticas para o ensino de L2.

Para explorar os gêneros textuais em sequências didáticas que objetiva o ensino de L2, deve-se ter como ponto de partida o texto, que será ferramenta para o ensino e desenvolvimento dos alunos. Toda a sequência didática precisa ter ligação com o gênero textual proposto, para que assim seja realizado pelos alunos, o exercício da compreensão, análise e produção. A sequência didática para o ensino de uma língua, segundo Dolz & Schneuwly (1998, p. 93), caracteriza-se como “um conjunto de módulos escolares organizados sistematicamente em torno de uma atividade de linguagem dentro de um projeto de classe”.

A sequência didática a partir dos gêneros textuais nos remete à situações do cotidiano, causando nos alunos a compreensão da importância dos mesmos em suas atividades sociais. Para Cristovão (2002), a escolha desses conteúdos está associada às quatro dimensões progressivas do desenvolvimento dos estudantes, são elas: dimensão psicológica, dimensão cognitiva, dimensão social e dimensão didática. A escolha de sequências didáticas para o ensino de uma língua requer uma organização e estrutura sistematizada, que envolvam os eixos da análise linguística e produção de textos, e que proporcione diversas exposições do uso da linguagem, contribuindo para o aumento do repertório do gênero discursivo e uso da linguagem escrita em vários contextos. Portanto, as atividades propostas, precisam obedecer a essas concepções, buscando atender aos interesses dos estudantes. De forma detalhada, as dimensões e as atividades nas sequências didáticas para o ensino de L2, deverão se organizar da seguinte forma:

- Língua Portuguesa e o gênero textual escolhido (dimensão psicológica);
Precisam explorar o tema do texto em toda a sua complexidade, fazendo conexões
- Sondagem do conhecimento prévio trazido pelo estudante (dimensão cognitiva);
- Abordagem dos aspectos sociais subjacentes ao tema do texto de forma que os alunos possam reconhecer como usar esses aspectos para mudar a sua realidade social (dimensão social);
- Precisam ser pensadas de forma que o aluno consiga compreender as propostas de reflexão e comandos de ação nelas presentes (dimensão didática).

Além de todos os aspectos já mencionados, é imprescindível que o professor seja coerente, tenha o conhecimento e a clareza sobre a sequência didática que estará elaborando para o ensino de L2. É de extrema importância que esse material adaptado, considere a aprendizagem visual dos alunos surdos, e utilize recursos visuais nas atividades, contemplando os aspectos multissemióticos e multimodais, que consistem em uma variedade de recursos, ou modos, que podem ser utilizados para agregar significados às expressões linguísticas. Os aspectos semióticos, correspondem a como o signo é composto, baseado em que tipo de significado ele pode transmitir, portanto, possibilitam a criação de significados de maneiras diferentes, indicando as diferentes formas possíveis de compreensão dos elementos, pois cada modo tem a possibilidade de expressar um tipo de significado. Com isso a combinação dos diversos modos dá-se o nome multimodalidade, entendida como o recurso usado para comunicar diferentes significados de diferentes modos, cada um com suas especificidades, em um mesmo ato comunicativo.

Portanto, a multimodalidade é uma característica atribuída aos gêneros textuais, nos quais torna-se possível o uso de uma variedade de recursos que podem ser visuais, que incluem cores, tamanhos, imagens etc.; táteis, que podem aparecer na forma de texturas, dimensões etc.; olfativos, em que são adicionadas fragrâncias às folhas de papel; gestuais, como na linguagem falada em que os gestos das mãos contribuem para a significação do discurso, entre outros. Esses recursos funcionam como elementos constitutivos dos significados expressos pelo texto, de modo que não podem ser considerados como meros itens ilustrativos.

2.2 Formação de professores para a adaptação de recursos didáticos.

Existem vários estudos que afirmam que o sucesso da atuação dos professores em classes inclusivas depende de forma significativa da sua intervenção através da implementação de amplas mudanças nas práticas pedagógicas. Portanto, para uma inclusão escolar, consideramos como base norteadora à formação docente, para que possam cumprir com as exigências de desenvolver uma educação de qualidade para todos respeitando as necessidades educativas especiais de cada educando.

Dentro dessa perspectiva, o conhecimento dos processos de aquisição língua e do desenvolvimento da aprendizagem da pessoa surda, traria enriquecimento à formação

docente, contribuindo para uma metodologia inclusiva a partir de recursos didáticos adaptados às necessidades específicas da pessoa surda. Esse conhecimento traz um impacto muito positivo no processo de inclusão dos alunos surdos em sala de aula, propiciará aos futuros docentes, uma prática pedagógica que oportunizará um desenvolvimento mais satisfatório. Através de um ambiente que gere identificação para aluno surdo, todo processo passa a constituir-se de sentidos, contribuindo para a construção do conhecimento. Dessa forma, o processo educativo das pessoas surdas acontece através do uso de práticas que valorizavam suas potencialidades, e não limitando, a aprendizagem desses sujeitos.

Enquanto educadores, torna-se necessário aprimorar-se constantemente e ter consigo o domínio de conceitos importantes que possam nortear o desenvolvimento da sua prática. De acordo com Van Manen (1977), a atuação docente precisa seguir três pontos de reflexão: técnica, prática e crítica. Dessa forma, para uma Educação Inclusiva, o professor deve estar constantemente atualizado, pois em sala de aula, o professor é o principal agente da Inclusão. O início dessa prática diferenciada é o “olhar” com resiliência às necessidades do seu aluno. Incluir todos respeitando suas singularidades, desenvolvendo aspectos importantes como o afetivo, cognitivo e social, de acordo com CHALITA (2005):

O professor deve ser como um maestro que rege os instrumentos, sabendo que cada um de seus alunos é diferente. Dessa forma, consegue desenvolver as três habilidades fundamentais: cognitiva (que é o conhecimento propriamente dito), social (que é essa relação interpessoal, a visão social do mundo e a cidadania) e afetiva (que é o emocional). Na dimensão afetiva, o aluno aprende a ser equilibrado.(p.24)

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, (LDB), nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 4º, inciso III, no qual afirma que é dever do Estado garantir atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidade especiais, preferencialmente na rede regular de ensino. Para o atendimento adequado às crianças com alguma necessidade de aprendizagem especial, torna-se necessária uma formação continuada, específica e adequada. A implementação de políticas públicas viáveis de formação docente, que incorpore e possam proporcionar aos professores (as) essa formação. Para o sucesso da Inclusão, ainda é necessário o avanço em vários meios que contribuem para o alcance do objetivo maior. Quanto à formação de professores, faz-se necessário a existência de uma ligação entre a prática pedagógica individual e a capacidade de ser resiliente, e sensível à heterogeneidade da classe.

O Professor ao planejar e produzir o material didático adaptado para ensino da Língua Portuguesa, deve considerar o bilinguismo dos surdos, levando em consideração o funcionamento do mapa cognitivo dos surdos, e que este se constrói diante do uso da Libras e suas experiências com o seu meio. A língua de sinais, portanto, será sempre o início para a aprendizagem de novos conhecimentos, dessa forma o docente precisa definir as competências a serem desenvolvidas para que o uso e aprendizado da L2 escrita exerça sua função social.

O conhecimento da linguística aplicada – LA, permitirá ao professor a produção de materiais didáticos para o ensino de L2. Que também exigirá do mesmo, reflexões acerca da técnica, prática e crítica de suas metodologias. Existem três concepções de linguagem;

- Linguagem como espelho – na qual ensino de língua está focado na gramática tradicional e na capacidade do aluno demonstrar o conhecimento das regras da língua portuguesa;

- Linguagem como instrumento de comunicativo ou de comunicação – onde ensino de língua também está focado na gramática tradicional, e na capacidade do aluno em demonstrar o conhecimento das regras da língua portuguesa e como devem ser usadas na interação escrita, de modo que os locutores (aquele que escrevem) consigam expressar suas ideias e os receptores (aquele que leem) consigam compreender o que os locutores expressaram.

- Linguagem como atividade – nesta concepção o sujeito é ativo, o ensino é focado nos gêneros textuais, leitura e escrita, dessa forma, o aluno experimenta e desenvolve a capacidade de aplicar e utilizar na interação em diferentes discursos.

É importante a compreender que a escrita da língua portuguesa por alunos surdos, sempre apresentará aspectos da sua língua materna L1 - Libras. Segundo Saer (1922) mesmo que bilíngue, o indivíduo não abandona uma língua e passa a adotar a outra. Mesmo que utilize mais a segunda língua nos contextos de interação, as características da língua materna continuarão presentes na segunda língua. Ainda sobre, Nascimento (2008) também esclarece que os textos escritos em língua portuguesa por pessoas surdas, em que há indicativos linguísticos do uso de dois sistemas distintos, ocasionam um hibridismo estrutural, visto que, há evidências da Libras presentes nos textos.

Sobre a produção do material didático pedagógico, Damianovic (2007) diz que o material didático é um recurso importante para a mediação, em que o “processo de elaborar material didático como uma atividade de criação de sentidos e significados tem como principal artefato cultural a linguagem”. Dessa forma, para a elaboração do material didático adaptado, é necessária a reflexão da prática docente, que contribuirá para o melhor desenvolvimento do processo ensino aprendizagem, na perspectiva do ensino de L2 para surdos. A formação do professor deve ser continuada, e ao adquirir uma postura crítico-reflexiva, será capaz de introduzir e fazer uso de uma didática inovadora que atenderá o perfil e necessidade dos seus alunos. Dessa forma, o professor será o produtor e avaliador dos seus recursos e da sua didática, encontrando o caminho para desenvolver e estimular nos seus alunos a compreensão da linguagem em nossas práticas sociais.

Análise bibliográfica – Reflexões

Diante dos dados encontrados e análises realizadas do conteúdo, destacou-se alguns registros relevantes para a reflexão acerca do tema, dessa forma, foram selecionados os principais apontamentos teóricos dos autores: Skliar (1997) realizando destaques sobre a condição bilíngue dos surdos, Maximo (2020) que corrobora com seus fundamentos sobre a temática; e dentro da perspectiva do “biliguismo social” os autores: Lyons(2016), Grosjean (2013) e Saer (1922). Também foram ressaltados os autores que apontam os aspectos basilares para a construção de uma sequência didática adaptada: Dolz & Schneuwly (1998) assim como Cristovão (2002); e findando as análises com o referencial sobre gêneros textuais do autor Marcuschi (2008).

Primeiramente, a pesquisa objetivou uma reflexão acerca da prática docente na perspectiva da inclusão dos alunos surdos, e dentro dessa ótica a construção de materiais adaptados para o ensino da Língua Portuguesa – L2, de forma mais específica o público do ensino médio, sendo utilizado como recurso para o ensino da L2, os gêneros textuais, pois através dos mesmos, se torna possível acessar a realidade cotidiana, e o contexto das relações interativas sociais dos jovens.

O autor Skliar (1997), defende que “a educação bilíngue é um reflexo cristalino de uma situação e de uma condição sóciolinguística dos próprios surdos; um reflexo coerente que tem que encontrar seus modelos pedagógicos adequados.” Diante dessa citação, podemos concluir que as pessoas surdas nascem em um meio de relações e

comunicação estabelecidas através de uma língua que não é a sua. Dessa forma, e por fazer parte deste mesmo meio social, a pessoa surda precisa apropriar-se da condição bilíngue. Contudo, a escola como instituição formadora, precisa adotar modelos pedagógicos adequados, que atendam as condições sociolinguísticas de todos, de forma que favoreça o bilinguismo não apenas aos alunos surdos, mas também aos ouvintes, para que dessa forma ocorra e seja oportunizado o desenvolvimento das aprendizagens, não apenas conteudinal, mas aquelas construídas nas relações interacionais.

A autora MAXIMO (2020), fala que “O funcionamento do mapa cognitivo dos indivíduos surdos é construído a partir da experiência entre a Libras e o mundo físico-sensorial”. Portanto, a Libras língua materna da pessoa surda, proporciona à mesma a conexão com seu meio. É uma língua de modalidade gesto-visual e possui estrutura gramatical própria e sistematizada. Dessa forma, a compreensão da condição linguística dos surdos se torna o primeiro passo para o professor repensar sua prática pedagógica.

Sobre a capacidade e habilidade bilíngue desenvolvida não apenas pelas pessoas surdas, Lyons (2016) nos traz que essa condição nas comunidades bilíngues caracteriza-se pelas formas como uma língua é utilizada em diversos contextos, sejam eles formais/públicos ou informais/coloquiais. Corroborando com essa mesma perspectiva, Grosjean (2013) conclui que o uso das duas línguas pode-se ser considerado um bilinguismo social, onde ambas são utilizadas em domínios específicos. Portanto, essa condição caracteriza-se pela capacidade de realizar o emprego da língua, em diferentes gêneros de discursos, seja na modalidade escrita ou oral, dentro dos contextos que propiciam as comunicações sociais.

Ainda sobre a habilidade e o uso da capacidade bilíngue no meio social, Saer (1922) diz que, mesmo que bilíngue, o indivíduo não abandona uma língua e passa a adotar a outra. Mesmo que utilize mais a segunda língua nos contextos de interação, as características da língua materna continuarão presentes na segunda língua. Ainda sobre, Nascimento (2008) também esclarece que os textos escritos em língua portuguesa por pessoas surdas, em que há indicativos linguísticos do uso de dois sistemas distintos, ocasionam um hibridismo estrutural, visto que, há evidências da Libras presentes nos textos. Portanto, será comum na escrita de textos, as pessoas surdas empregarem a estrutura gramatical da Libras, seja na ordem e construção de frases, na ausência de conectivos, na coesão e coerência, no emprego correto do tempo verbal.

A sequencia didática para o ensino de um língua, segundo Dolz & Schneuwly (1998, p. 93), caracteriza-se como “um conjunto de módulos escolares organizadas sistematicamente em torno de uma atividade de linguagem dentro de um projeto de classe”. Partindo desse pressuposto, para o ensino de L2, a sistematização desse processo, parte de um estudo iniciado sobre a realidade dos discentes, a sondagem do professor sobre o público e suas necessidades educativas, contribuirá para uma organização específica ao perfil da turma. Para Cristovão 2002, a sequência didática deverá obedecer aos princípios de pertinência, legitimidade e solidarização. Primeiramente, a pertinência relaciona-se aos objetivos, nos quais de forma detalhada, devem ser especificada as competências e habilidades que serão desenvolvidas por meio do material didático. A legitimidade sobre os conhecimentos de leitura, análise e produção de textos, e por a integração dos eixos necessários para o desenvolvimento da compreensão do gênero textual.

O autor Cristóvão (2001) mostra a estrutura da sequência didática em dois momentos que se constituem como bases para as atividades posteriores; o primeiro momento é feito por meio de uma produção inicial em torno da atividade da linguagem, em que as perguntas condicionantes são: “qual é a atividade da linguagem que será abordada?; a quem se destina a produção?; em qual contexto de produção ela será produzida?; quem vai participar de sua produção?” (p. 25). O próximo passo envolverá os conteúdos que serão apresentados para os estudantes a partir dos gêneros textuais. Nesse momento que a sequência didática a partir de suas atividades irão motivar a reflexão e a criticidade dos estudantes através e acerca da linguagem, como um espaço essencialmente metalinguístico proporcionando a elaboração de conceitos e definições, colaborando para o conhecimento das funções da linguagem.

O uso dos gêneros textuais como principal ferramenta para as sequências didáticas e o ensino da L2, proporciona não apenas o letramento e funcionalidade social da linguagem, mas também uma compreensão transdisciplinar, através do uso de temáticas do contexto atual que são vivenciadas pelo público do ensino médio. O professor ao adotar o texto como condutor de aprendizagens, ao mesmo tempo, possibilitará aos estudantes própria sistematização dos saberes. Sobre os gêneros textuais:

[...] a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas (MARCUSCHI, 2008, p. 149).

Portanto, através dos gêneros textuais discursivos, torna-se possível proporcionar a reflexão de que não se trata apenas de uma grande oferta de textos, mas que através deles, existe a possibilidade de contextualização com várias aprendizagens, bem como correlacioná-los com o ensino gramatical da língua portuguesa. Em seu uso social, a nossa comunicação, de forma escrita ou oral, se constitui por meio dos gêneros discursivos, que no cotidiano se apresentam em repertório vasto de ações comunicativas. Os gêneros estão presentes nos contextos formais e informais.

Metodologia

O trabalho será realizado com embasamento nos aspectos metodológicos de uma pesquisa que enquadra-se em abordagens bibliográficas, analíticas e descritivas. Com isso, caracteriza-se como qualitativa, por permitir aprofundar a compreensão dos fenômenos sociais em seus aspectos subjetivos e estruturais (Richardson, 1999), ressaltando fatos importantes, os quais não podem ser medidos, devendo ser analisados a fim de descobrir ou construir significados e padrões de relações subjacentes. É caracterizada também como bibliográfica, pois segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos relacionados com o estudo em questão.

A análise das informações obtidas será realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, a qual permitiu a interpretação dos dados bibliográficos, ressaltando cada aspecto encontrado. De acordo com Olabuenaga e Ispizúa (1989), a análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, que analisados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social. Portanto, a metodologia bibliográfica e analítica nortearam os estudos, análise e reflexões sobre o tema.

Considerações Finais

Após análise, discussão e reflexão dos pressupostos teóricos, foi constatado que o acesso ao conhecimento e desenvolvimento de aprendizagens, precisa ser um processo que alcance a todos, que assegure uma educação igualitária. Sendo assim implica compreender a necessidade de atender o público surdo satisfatoriamente. Apesar dos estudos e conhecimentos adquiridos dos professores e vários documentos de estudos fundamentados na área da surdez ainda existe uma realidade distante do ensino da pessoa surda comparado ao ensino de um ouvinte. A educação para o aluno surdo precisa ser melhor planejada e discutida em todos os momentos, assim como é para os demais públicos. O objetivo da inclusão escolar é transformar adaptando ferramentas, criando espaços de construção do conhecimento e ensino de qualidade para todos. Toda inovação implica em mudanças e quebra de paradigmas. O caminho está na promoção de cursos de capacitação para os professores, a ampliação dos estudos e pesquisas na área da surdez, linguagem e educação, desenvolvendo teorias e técnicas para subsidiar o trabalho de todos os profissionais envolvidos, promovendo a sensibilização de todos da comunidade escolar e respeitando as necessidades específicas e potencialidades dos alunos surdos.

À luz das discussões teóricas tecidas, e diante de todos os impasses vivenciados na educação de surdos, especificamente no ensino da língua portuguesa como L2, fica evidenciado um percurso longo para a disseminação desses saberes e aplicabilidade dos mesmos no processo de ensino aprendizagem dos alunos surdos. Professores precisam refletir a prática através de um olhar mais sensível, capaz de enxergar a necessidade dos alunos e buscar meios para alcançá-las, e partindo do pressuposto que a Libras – L1 se constitui como ponto de partida para as demais aprendizagens, os professores precisam ter o domínio da língua de sinais para tornar o ensino mais acessível, e diante dessa perspectiva, destacamos mais uma discussão importante sobre a inclusão dos alunos surdos, que seria a inserção do ensino da Libras nos cursos de licenciaturas.

Sobre o ensino da Língua Portuguesa como L2, por meio de recursos adaptados às necessidades do aluno surdo e do uso e exercício dessa metodologia pensada nas práticas de escrita e comunicação social, entende-se que proporcionará aos surdos a aprendizagem e compreensão do funcionamento linguístico-discursivo, e assim o desenvolvimento da autonomia para expressar suas intenções por meio da escrita em suas relações sociais.

Referências

- BAZERMAN, Charles. Escrita, gênero e interação. São Paulo: Editora Cortez, 2007.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. A escrita, Irredutível a um Código. In: Emília FERREIRO & Colaboradores. Relações de (In)dependência entre Oralidade e escrita. Porto Alegre: Artmed. 2004, p. 15-26.
- BRASIL, MEC. **Lei de Diretrizes e Bases no 9394/96**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm; acesso em: 29 Setembro 2020.
- CHALITA, **Gabriel. Lugar de família é na escola**. Revista Aprende Brasil - A revista da sua Escola. Ano 2. nº 3. Fevereiro de 2005
- CRISTÓVÃO, Vera Lucia Lopes. O gênero quarta-capa no ensino de inglês. In: DIONISIO, A; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- DAMIANOVIC, M. C. (Org.). **Material didático: elaboração e avaliação**. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Pour un enseignement de l'oral. Initiation aux genres formels à l'école. Paris: ESF ÉDITEUR, (Didactique du Français), 1998.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- GROSJEAN, F. **Bilingualism: a short introduction**. In: GROSJEAN, F.; LI, P. The Psycholinguistics of Bilingualism. Wiley-Blackwell, 2013.
- LYONS, John. **Lingua (gem) e linguística: uma introdução/ John Lyons: tradução Marilda Winkler Averburg, Clarisse Sieckenius de Souza. – [Reimp]. – Rio de Janeiro: LTC, 2016.**
- MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane. **A apropriação de gêneros textuais pelo professor: em direção ao desenvolvimento pessoal e à evolução do “métier”**. Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 10, n. 3, p. 619-633, set./ dez. 2010.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAXIMO, Nidia Nunes. O biliguismo dos indivíduos surdos e a produção de material didático para o ensino de LP com L2. In. **Elaboração de material didático de língua portuguesa para surdos**, IFPB, 2020.

OLABUENAGA, J.I. R.; ISPIZUA, M.A. *La descodificacion de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa*. Bilbao, Universidad de deusto, 1989.

PINTO, J. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. DELTA, São Paulo, vol. 23, n. 1, 2007.

SKLIAR, Carlos (org.). **Educação & Exclusão**: abordagens sócio-antropológica em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

VAN MANEN, M. *Researching Lived Experience: Human Science for an Action Sensitive Pedagogy*. 2nd Edition, Althouse Press, London, 1997.